

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO NOS JORNAIS LUDOVICENSES: notícias da construção de uma inserção (1980-2000)¹

BUMBA MEU BOI OF MARANHÃO IN THE NEWSPAPERS OF SÃO LUÍS: news of the construction of an insertion (1980-2000)

BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO EN LOS PERIÓDICOS LUDOVICENSES: notícias da construcción de una inserción (1980-2000)

JÚLIA CONSTANÇA PEREIRA CAMÊLO
Doutora em Ciências Sociais, Belém, Pará, Brasil
jpconstanca@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo pretende apresentar o processo de *valorização* da cultura popular maranhense, em particular, o bumba meu boi enquanto percurso para a inserção do Maranhão no cenário econômico e cultural do país. É resultado de uma pesquisa realizada junto aos jornais O Imparcial, O Jornal Pequeno, O Estado do Maranhão. Procuramos apresentar a abordagem da imprensa que divulga, estimula e propaga a política cultural do Maranhão de 1980-2000.

Palavras-chave: Imprensa. Tradição. Cultura Popular. São Luís.

Abstract: This article presents the process of appreciation of Maranhão's folklore, specifically, the Bumba Meu Boi as a route to the insertion of Maranhão in the country's economic and cultural scenario. It is the result of a research in the newspapers "O Imparcial", "O Jornal Pequeno" and "O Estado do Maranhão". We've tried to present how the press disseminates, encourages and propagates the cultural policy of Maranhão from 1980 to 2000.

Keywords: Press. Tradition. Folklore. São Luís.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el proceso de valorización de la cultura popular de Maranhão, en particular, el Bumba Meu Boi, en relación a la ruta de inserción de Maranhão, en el panorama económico y cultural del país. Es el resultado de la investigación llevada a cabo junto con los periódicos *El Imparcial*, *O Jornal Pequeno* y el Estado de Maranhão. Intentamos presentar el enfoque de la prensa que difunde, estimula y propaga la política cultural de Maranhão de 1980-2000.

Palabras clave: Prensa. Tradición. Cultura Popular. São Luís.

Introdução

O bumba meu boi, desde 2011, é considerado Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa medida do IPHAN visa à construção de políticas públicas de salvaguarda do bumba meu boi do Maranhão.

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2015 e aprovado para publicação em novembro de 2015.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Entendemos esse processo como o resultado de uma política do estado do Maranhão, que se fundamenta na ideia de *valorização* da cultura para tombamento e registro, com o objetivo de inserção em uma política, não apenas cultural brasileira, mas também de crescimento econômico do Maranhão.

Neste artigo, pretende-se analisar o resultado de uma pesquisa desenvolvida junto aos jornais O Imparcial, O Jornal Pequeno e O Estado do Maranhão. Procuramos apresentar a abordagem da imprensa que divulga, estimula e, até certo ponto, sustenta a proposta da política estatal para a cultura no Maranhão.

Hoje, na capital do Maranhão, São Luís, segundo os próprios jornais, circulam onze periódicos, entre eles O Imparcial, O Estado do Maranhão, Jornal Pequeno. O mais antigo em circulação é O Imparcial, fundado em 1926, pela empresa Pacotilha S.A., dos Diários Associados. O Jornal Pequeno, fundado em 1951, e O Estado do Maranhão, fundado em 1973, embora os seus fundadores, José Sarney e Bandeira Tribuzi, definam a data de 1959, ano em que a empresa Jaguar havia relançado o Jornal O Dia, adquirido por eles, que apenas mudaram o nome e continuaram utilizando 1959 como data de fundação. Dados apresentados pelos próprios jornais em 2010 indicam que o Jornal Pequeno e O Imparcial tinham uma circulação semanal de 8 a 10 mil, e O Estado, 13 mil exemplares.

É verdade que os jornais são propagadores de eventos, mas segundo Le Goff, o evento também é mediado pela história vivida e memorizada. Os documentos da imprensa são e apresentam uma nova lógica histórica, em que é difícil separar o discurso da informação².

Para Capelato, a história que a imprensa apresenta promove exclusão e inclusão. Tem uma dinâmica que não permite articulação entre as histórias. É como se a cada dia a notícia fosse apagada³, ao mesmo tempo, que constrói um processo.

Entendemos o jornal como uma fonte que traz informações, narra acontecimentos e constrói seus discursos conforme seus interesses e sua cultura particular. É uma fonte que também orienta o modo de dizer e produzir a notícia, as ideias e os valores culturais com suas diversas contradições, mas, ao mesmo tempo, traz representações da sociedade retratada.

No bojo das matérias que encontramos nesses jornais, a premissa de que discurso e informação estão misturados é patente. Ao mesmo tempo, os jornais trazem as informações,

² LE GOFF. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os intérpretes das luzes: liberalismo e imprensa paulista. 1920-1945*. 1986. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 1986.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

carregam o discurso do desenvolvimento, do investimento, de um estado que precisa sair de uma situação desfavorável, de abandono, pobreza, porque é rico de bens culturais. A imagem e a ideia de abandono se repetem o tempo todo.

A Biblioteca Pública Benedito Leite conta com um importante acervo de jornais do estado do Maranhão e da cidade de São Luís, além dos jornais O Estado, O Imparcial e Pequeno. Na parte do acervo que analisamos, é possível perceber um ponto em comum entre eles, pois, independente da posição política de cada um, apoiam e defendem o tombamento, a salvaguarda, a preservação, como ações necessárias para o desenvolvimento do Maranhão. O levantamento nos três jornais foi realizado sobre as décadas de 80, 90 e vai até o ano 2000. Porém, neste artigo, apresentamos mais resultados das análises do jornal O Estado do Maranhão.

Os jornais são importantes documentos que possuem discursos diversificados sobre a temática abordada, porém não se pode analisar somente a narrativa dos artigos, mas também a ideologia que cada discurso quer repassar. Para Foucault, a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de frases ou fala, mas se submete a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc., ou seja, a linguagem não pode ser limitada às relações entre palavras e as coisas, já que é preciso se ater arduamente ao próprio discurso⁴. No bojo das matérias que encontramos nesses jornais, a premissa de que a narrativa não deve se limitar apenas à forma estrutural linguística é patente.

Levando em consideração o que foi afirmado, a imprensa escrita maranhense teve papel importante na divulgação da noção de bumba meu boi como tradição, identidade maranhense, por meio dos artigos, propagandas e fotografias. Os discursos também procuram homogeneizar as políticas públicas e dos grupos que desenvolvem manifestações populares. Os jornais O Estado, O Imparcial e Pequeno conseguiram transmitir à sociedade ludovicense aspectos como a importância da manifestação, da sua preservação, divulgando as políticas culturais e seus discursos.

No decorrer do texto, apresentaremos o que os jornais defendem como *valorização*. Antes, é necessário expormos que durante o século XIX, essa manifestação era vista pela elite como perigosa e incivilizada, de maneira que as poucas publicações feitas nos periódicos sobre o bumba meu boi, nesse período, tinham o objetivo de criticá-lo e designá-lo

⁴ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

como produção de negros, pobres e perturbadores da ordem. Assim, segue na matéria do jornal O Imparcial, de 15 de junho de 1861, citado por Ester Marques.

Quando uma grande parte da população se empenha por fazer desaparecer os busca-pés, por serem fatais, concede-se licença para o estúpido e imoral folguedo de escravos denominado bumba meu boi, incentivo para os busca-pés, e admira-se mais que isto aconteça, quando há anos a presidência ordenou à policia que não consentisse esse folguedo, por ser oposto à boa ordem, à civilização e à moral. Quando por causa do bumba meu boi não aparecem cacetadas e mesmo facadas, é causa de uma enorme algazarra que prejudica o silêncio perturbando o sossego que deve haver para o sono, sossego que cumpre à policia manter. Nós esperamos que a polícia reconsidere no passo irrefletido que cometeu, para não ser ela responsável pela opinião pública, do mal que houver por causa do bumba meu boi.⁵

O processo denominado de *valorização* também se configura como um argumento em que as manifestações populares antes atreladas a uma classe social precisavam se desprender dessa visão, para se tornarem um elemento da identidade, não apenas maranhense, mas também do Brasil.

Entendemos que a *valorização* é o esforço que a sociedade maranhense, estado, produtores culturais, imprensa, empresários realiza para que o bumba meu boi seja elevado à categoria de *tradição*⁶, aqui entendida como a construção de um imaginário que eleve o bumba meu boi ao mesmo patamar da *Atenas Maranhense, da Ideologia da Decadência, a Fundação Francesa de São Luís*, referências da identidade maranhense, na concepção de João Silva, Wheriston e Cidinalva Neris⁷, identidades que sustentam o patrimonializado.

Afinal, no século XXI, de identidades móveis e líquidas⁸, as construções, simbólicas, econômicas e políticas se solidificam na esfera da inclusão.

O percurso

O bumba meu boi, por ser uma manifestação de camadas pobres, precisou ser transformado em *tradição*, como a *Atenas*. Tradição de singular importância dentro da

⁵ MARQUES, Francisca Ester de Sá. *Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba meu boi*. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

⁶ Na perspectiva de HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Onde o termo *tradição inventada* é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas.

⁷ SILVA, João Ricardo Costa; NERIS, Cidinalva Silva Câmara; NERIS, Wheriston Silva. Por uma genealogia das noções de patrimônio e cultura no Maranhão Contemporâneo. In: PACHECO FILHO, Alan Kardec; CORRÊA, Helidacy Maria Muniz; PEREIRA, Josenildo de Jesus. *São Luís 400 anos: (con)tradições de uma cidade histórica*. São Luís: UEMA; Café & Lápis, 2014.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Trata da ideia de identidades líquidas construídas a partir do indivíduo que se move para uma inclusão de consumo.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

brasilidade e como identidade do Maranhão, que no século XXI configura-se plural, já que o bumba meu boi maranhense revela-se um *complexo* de sotaques: baixada, matraca, zabumba, costa de mão, orquestra, alternativo, com os requisitos para atender a identidade na pós-modernidade. Contudo, a classe que produz a manifestação não carrega a tradição, ou seja, a manifestação precisou alcançar o patamar de tradição que, em tese, é de todos, sem classes. Neste artigo, o termo tradição também aparecerá como sinônimo de autêntico, original.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a década de 1960 foi bastante frutífera no que concerne aos debates sobre cultura popular no Brasil. Surgem também os CPCs (Centro Popular Cultural), movimento que teve participação em massa de muitos militantes e intelectuais, fascinados por ideias comunistas, ajudando a criar esses centros culturais. Os partidários desse movimento acreditavam que o povo, passivo e dominado por grupos da elite, vivia “alienado”, motivo pelo qual precisava de mediadores que tivessem a responsabilidade primordial de levá-lo a ter uma conscientização política para, dessa maneira, ter uma participação efetiva na sociedade. Os intelectuais seriam os mediadores perfeitos nesse processo, ou seja, levariam ao povo uma arte politizada e revolucionária. Na realidade, uma arte utópica de modernização e progresso nacional, em que o povo era composto de seres sem cultura, precisando, portanto, de direcionamento dos intelectuais. No entanto,

Mais recentemente, a questão foi retomada sob novos ângulos, com sérias críticas às posturas românticas e autoritárias adotadas naquele período. Os intelectuais do CPCs, da mesma forma da direita que combatiam, arrogavam-se o papel de representantes legítimos dos interesses reais da maioria da população. O “povo”, alienado, incorporaria os padrões ideológicos da classe dominante, tornando-se, portanto, incapaz de discernir claramente.⁹

Os Centros de Cultura, conforme Renato Ortiz definiu, tinham uma preocupação como a tomada de consciência, não de "baixo para cima", mas a partir dos intelectuais detentores da cultura, por isso, eles apresentavam-se como sendo de vanguarda com a incumbência de levar cultura às massas.¹⁰

Assim, o bumba meu boi deve ser analisado como uma força de expressão das classes populares subalternas. Subalterno enquanto uma classificação de cultura de uma época, que no século XIX era discriminado pelas elites, pelo fato de ser visto como um auto

⁹AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ygnez Novais. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995. p. 47.

¹⁰ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

que só gerava baderna e violência, preconizador da vadiagem, ou seja, uma manifestação que, por ser típica de negros bagunceiros, dados a produzir zoada e bebedeira, só traria o caos público. Sabemos que, no período de 1861 a 1868, por ordem da polícia, o boi foi proibido de se apresentar no Maranhão. E no século XX começa a ser visto pelos estudiosos como a expressão do povo. Esta construção vai contribuir com o processo de separação entre a manifestação e a classe, tudo é povo. A cultura torna-se um produto, sem classe.

Os debates sobre cultura popular estavam, de fato, acirrados no Brasil na década de 1960, assim:

Em São Luís, como, aliás, em outros locais do nordeste, a discussão coincide com as transformações sócias, políticas, econômicas e culturais que o Estado sofre nessa altura e que afetam sobremaneira o modo como o bumba meu boi passa a ser visto no espaço público. Alertada para o processo de valorização do folclore que toma conta do Brasil, a sociedade maranhense deixa de reprimir os grupos, permitindo-lhes brincar no centro da capital e bairros nobres, mas sem participar direta ou indiretamente do bumba meu boi, por ainda considerá-lo um folguedo sem *status* social.¹¹

Nesse sentido, já é percebida certa valorização da manifestação na década de 1970, que se tornará mais evidente a partir da década de 1980. Pautada no que foi pensado pelos intelectuais das décadas anteriores, segundo Helidacy Corrêa, um debate relacionado ao afloramento das discussões sobre cultura popular no Brasil, iniciado na década de 1920, foi mais intenso, no Maranhão, a partir de 1940, onde há uma grande publicação de artigos na imprensa local, sobre cultura popular, cujo teor procura elevar o bumba meu boi à posição de símbolo da identidade cultural do Maranhão.¹²

Verificamos, em seguida, um empenho na criação de órgãos destinados a pesquisas e divulgação da manifestação, na época, denominada de folclore. Esses órgãos contribuíram, dessa forma, para a valorização do folguedo, mudando o pensamento daquela população, que ainda olhava o bumba meu boi com desdém e discriminação. A historiadora ressalta:

A interferência dos intelectuais nesse processo, durante toda a primeira metade do século XX, foi decisiva, para que o bumba meu boi ocupasse um lugar de diferenciação dentre as demais manifestações culturais locais. A partir desse período, o que se verifica é a consolidação desse espaço que acontecerá com o reconhecimento/apropriação, primeiro, do Estado que, a partir da década de 1960, se apropriará da imagem do bumba meu boi como símbolo da cultura maranhense, para

¹¹MARQUES, op. cit., p. 176.

¹²CORRÊA, Helidacy Maria M. *Bumba meu boi: a construção de uma identidade*. 2001. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

articular seus projetos políticos-culturais, envolvendo, nesse intento, os segmentos sociais até então resistentes à brincadeira e, finalmente, divulgando-o para além do Estado, como um produto tipicamente maranhense.¹³

Nessa perspectiva, Helidacy Corrêa percebe que no processo de construção simbólica do bumba meu boi, a título de identidade cultural do Maranhão, foi decisiva a contribuição dos intelectuais maranhenses “oriundos da geração denominada **novos atenienses**”¹⁴. Segundo a autora, “percebemos que, o processo de **construção** simbólica do bumba meu boi situava-se entre a valorização de outra construção simbólica - a Atenas Brasileira - e os movimentos de discussões em torno do folclore maranhense”¹⁵.

Em 1966, José Sarney saiu vitorioso nas eleições ao governo do Estado, pelas “oposições coligadas”, e prometeu, ao assumir, erradicar a oligarquia vitorinista e construir um governo do povo.

Selma Albernaz narra, em sua tese de doutorado, um discurso pronunciado por Dona Zelinda (que na época fazia parte da administração do governo), datado do ano de 2002. Nele, Dona Zelinda relembra o episódio ocorrido na metade da década de 1960, em que o governador do Estado, José Sarney, havia levado o boi para dançar no Palácio. A partir do discurso de Dona Zelinda, Selma Albernaz faz a seguinte conclusão:

Dona Zelinda encadeia a dança no Palácio com a paulatina aceitação do boi pelas autoridades governamentais, e pela elite de São Luís. (*E aí com isso o governador gostou. Todo mundo gosta, mas fica calado... Aí começou devagarinho a irem descendo, né?*). A narrativa anuncia um tempo, a partir do qual o boi lentamente pode ampliar seus limites de circulação, avançando dos bairros do subúrbio em direção ao centro da cidade - onde se situa o Palácio e, posteriormente, por toda São Luís.¹⁶

Sarney assumiria nesse feito uma posição de herói, uma espécie de salvador da pátria, tendo a elite agora a missão de civilizar o boi, “transformar esse fato em mito é ideal para legitimar uma identidade, porque desloca as disputas para o passado remoto, situado no momento do caos e, sendo o caos anterior à criação da ordem social, este conflito não tem porque retornar”¹⁷.

¹³ Ibid., p.91.

¹⁴ Ibid., p.13

¹⁵ Ibid., p. 13.

¹⁶ ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *O “Urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, grifo do autor.

¹⁷ Ibid., p. 48.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Os jornais incluíram essa perspectiva de identidade, original, também como resultado da visão dos intelectuais da década de 1960. As manifestações, por sua vez, perceberam nessa aproximação dos intelectuais uma possibilidade que visa ao crescimento, permanência e revitalização. As notícias e artigos trazem essa visão de mediação ao mesmo tempo que exaltam a noção de um povo que tem a cultura autêntica, genuína.

Entendermos bumba meu boi como uma cultura popular, com as características pensadas por Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg: as *culturas subalternas e a cultura dominante* sofrendo influências recíprocas¹⁸. Também concebemos o popular com a capacidade de *apropriação* e reelaboração dos discursos dominantes, pois as marcas são expressas em suas práticas e representações.¹⁹

Roger Chartier, historiador ligado à vertente da História Cultural, ao realizar a crítica aos livretos da “*Bibliothèque bleue*”, conjunto de folhetos de cordel francês, ressalta que eles são adaptações de obras eruditas, fato que causou, entre outras implicações, a “*fragmentação*” dos textos. No entanto, esse processo permitia a censura por parte dos impressores, bem como a omissão ou inclusão de ideias, de acordo com o interesse de quem as reproduzia.

Ao contrário do que se imaginava, tendo como pressuposto a ideia de que os interesses dos impressores, da Igreja e do Estado, seriam integralmente assimilados, o que Chartier verificou foi um processo de “*mão dupla*”, ou seja, as “*apropriações culturais*” feitas pelos leitores sempre acabavam criando “*usos e representações*” próprios, pois, nesse caso, tanto os fabricantes como os leitores apropriavam-se e aculturavam-se.

Entendemos que no processo de *valorização* que analisamos, também acontecem apropriações entre todos, a saber: estado, sociedade, produtores culturais, brincantes de bumba meu boi, ou seja, os envolvidos.

Na década de 1980, o que percebemos nos discursos dos jornais analisados é um grande interesse em divulgar reuniões, assinatura de atos e debates sobre as empreitadas de órgãos que visam ao desenvolvimento da cultura popular no Maranhão. Essas discussões são acirradas, pois há uma preocupação no sentido de conscientizar a população sobre a importância do folclore visando à sua valorização em âmbito interno. As entidades

¹⁸ BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. Brasília: Edunb; São Paulo: HUCITEC, 1993.

¹⁹ CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

governamentais e privadas estão promovendo, nesse momento, eventos, concursos, festivais, dentre outros, com essa finalidade, em que o bumba meu boi se destaca, em detrimento das demais manifestações folclóricas do Maranhão, como ocorre, por exemplo, com a organização do *Festival de Toadas* promovido pela TV Difusora:

O vencedor do 1º Festival de Toadas de bumba meu boi do Maranhão, promovido pela TV Difusora, foi a Sociedade Dois Irmãos do Bairro de Fátima. Concorrendo no “sotaque” de zabumba, com a toada “Urrou”, do cantador Antônio Fausto, o boi do Bairro de Fátima empolgou o público que lotava a praça Deodoro na noite de sexta-feira. Depois da vitória, que garantiu ao grupo o prêmio de Cz\$ 25 mil, os brincantes fizeram grande festa na Rua Dagmar Desterro, Bairro de Fátima, comandados por Dona Zeca, a organização da Sociedade Dois Irmãos. Na avaliação dos organizadores, o 1º Festival de Toadas do Maranhão tem sido “sucesso absoluto”, com o comparecimento de um grande público no local das apresentações. Ontem, a noite, a festa ficou por conta do “sotaque” da Ilha; com toda a força das matracas da Madre Deus, Iguaiá e Maracanã. Dentro da intenção de incentivar e difundir a tradição do bumba boi, o Festival trouxe ontem um grupo de boi mirim da cidade de Rosário. Para encerrar a noite, um show com o grande puxador de toadas de Pindaré, o “Coxinho”. Hoje, última noite do Festival, as apresentações começam às 20:00h, com a presença de seis grupos de boi, três com “sotaque” de Viana (pandeirões) e três com “sotaque” de Rosário(orquestra).²⁰

Em 1986, existe uma preocupação em divulgar os valores financeiros empregados nos festejos juninos, com propagandas de festivais e estímulo às festas programadas para esse período.

Percebemos que há uma intenção de incentivar e conscientizar a população sobre o valor do folclore maranhense, sendo a principal finalidade do festival *preservar a tradição do bumba meu boi*. Desse modo, existe uma política no sentido de promover a cultura popular maranhense.

É importante estar atento, pois essa *valorização* do bumba boi ocorreu por um processo de *apropriação* pelo Estado, em que tal promoção está vinculada ao turismo. Porém, segundo o que os jornais têm apresentado, a partir da década de 1980, essa *apropriação* também ocorreu pelos próprios produtores de cultura popular que são bastante beneficiados pelo patrocínio do governo e empresas privadas. A MARATUR (Empresa Maranhense de Turismo), órgão vinculado ao financiamento da cultura popular no Maranhão e estava ligado ao governo, por exemplo, nas matérias analisadas sempre estava procurando fomentar essa cultura, buscando valorizá-la com o intuito de promover o turismo na cidade, ou seja, instrumentalizando os produtores da brincadeira com recursos e programações.

²⁰ SOCIEDADE dois irmãos vence festival da TV. *O Estado do Maranhão*, São Luís, 16 jun.1986. p. 5.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Nesse sentido, o que interessa nesse momento é perceber como os produtores dessa cultura vêm se apropriando do bumba meu boi enquanto símbolo cultural do Maranhão. Observamos algumas mudanças com relação às apresentações de grupos de bumba meu boi. Como foi denotado, em O Estado, indicava que havia uma novidade, segundo a qual os festejos juninos iriam se prolongar até meados do mês seguinte, ou seja, a tradição do São João no período de 12 a 29 foi modificada, havendo um prolongamento da festa, e os bois, com certeza, estariam presentes nesse São João “fora de época”. Tal alteração está relacionada ao desenvolvimento do turismo na capital maranhense.

Também é importante ressaltarmos que o movimento da indústria cultural²¹ está se estabelecendo nesse momento. E para os construtores da tradição, que viam no elemento popular o autêntico, o genuíno, as apropriações da brincadeira para sobreviver às mudanças do tempo tornam-se um empecilho, uma equação a ser resolvida, pois os intelectuais justificavam na chamada tradição do povo o seu valor, e as mudanças nas manifestações ameaçam essas tradições.

Na matéria “Turismo vai mostrar bumba meu boi na fonte do Ribeirão”, conseguimos melhor visualizar essa transição do bumba meu boi. Vejamos a seguir:

Centenas de turistas que ocupam hotéis, pousadas e residências particulares de São Luís, poderão assistir, hoje à noite, na fonte do Ribeirão, uma apresentação do bumba meu boi de Apolônio de Melo, um dos grandes grupos mais conhecido do Estado. A promoção é da grande Empresa Maranhense de turismo, que possibilita, assim, aos visitantes, conhecerem uma das manifestações folclóricas mais autênticas do Maranhão. Nos hotéis mais distante, como Quatro Rodas e São Francisco, serão colocados Ônibus a disposição dos turistas, de modo a facilitar os deslocamentos. No local de apresentação do bumba meu boi o restaurante “Solar do Ribeirão” distribuirá drinques de batidas regionais. A Secretaria de Desportos e lazer também participará da promoção.²²

Nessa matéria, datada do dia 26 de janeiro da década de 1980, percebemos de fato uma intenção de transformar o bumba meu boi em um produto para ser consumido por turistas, na verdade, especialmente, feito para turista. Em contraponto, vemos a apropriação dos grupos de bumba boi dessa manifestação, fazendo apresentações completamente fora de época, perdendo valores. Segundo Ester Marques:

²¹ HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 19-52. A produção massificada com padrões que sempre se repetem com a finalidade de formar uma estética ou percepção comum voltada ao consumismo.

²² TURISMO vai mostrar bumba meu boi na fonte do Ribeirão. *O Estado do Maranhão*, São Luís, n. 2609, p. 2, 26 de janeiro de 1980.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Enquanto o sentido originário manifesta o folguedo na sua totalidade, e só assim é possível compreendê-lo no seu universo simbólico, o sentido em transição reflete as suas várias interfaces podendo exprimi-las parcialmente, conforme a circunstância. É por isso que o folguedo, sempre visto no espaço privado como autêntico, original e tradicional pode rapidamente torna-se moderno, pós-moderno, turístico, midiático no espaço público por meio das exigências sociais²³.

Percebemos que os grupos de bumba boi se *apropriam* dessa qualificação de identidade cultural do Maranhão, seja para manter a tradição, seja para se autopromover. E, assim, acabam por transformar todo um universo impregnado de símbolos: sagrado, religioso e mítico, saindo do seu ciclo tradicional para ser oferecido como mercadoria a um público específico. Desse modo, partimos do mesmo conceito de Chartier, que percebe “o popular com a capacidade de apropriação e reelaboração dos discursos dominantes, cujas marcas são expressas em suas práticas e representações”.²⁴

Dessa maneira, os bumba meu boi terminam por se descaracterizar para os intelectuais que escrevem nos jornais, visto que as constantes inovações e elementos modernos são impostos para produzir um produto cada vez mais exótico, conforme as exigências do mercado, ou seja, para atender a esse mercado cultural, acabam fazendo apresentações fora da época junina, não respeitando mais o período de batismo, apresentação e morte.

O batismo, que tem por função preparar o boi para dançar fora do seu terreiro, pelo sentido religioso, deve ocorrer na véspera de São João, no dia 23 de junho, mas os grupos de bumba vêm modificando a tradição, enquadrando-se no mercado cultural, com apresentações fora de época, em locais públicos:

Não realizar o batismo é considerado uma quebra do ritual, antecipá-lo é considerado uma estratégia válida e seria decorrente dos processos de adaptações para a continuidade do folguedo, porém realizar depois do dia 23, perde seu sentido propiciatório de proteção e sucesso para o grupo²⁵.

O mesmo movimento ocorre com o ritual da morte do boi (que simboliza sua volta para dançar no seu terreiro). Pelo tradicional, ele deveria se apresentar em lugares públicos ou particulares, para cumprir contratos mediante cachês, somente nesse intervalo entre o batismo e sua morte. Todavia, essa regra não vem sendo respeitada, já que o boi continua se apresentando pelo resto do ano, ou em qualquer situação e evento, pois, em

²³ MARQUES, op. cit., p 200.

²⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p 33.

²⁵ ALBERNAZ, op. cit., p. 106.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

muitos casos, o que define é um contrato firmado com os promotores de eventos e os órgãos administrativos do Estado. Desse modo:

Hoje, ao contrário do passado, o Bumba meu boi tem um espaço reservado na mídia, posto que, agora, é arte para se ver. Neste sentido, resgata uma manifestação em vias de extinção, até poucos anos atrás, e a expõe numa vitrine. É esta vitrine, à qual tem acesso a massa, que permite bancar os custos do Bumba meu boi.²⁶

Por se enquadrar hoje nessa designação que Passos chama de *arte para se ver*, o bumba meu boi termina por se transformar numa cultura pós-moderna²⁷, na qual há uma espécie de fragmentação ou quebra do seu *verdadeiro sentido*, visto que, inserido no espaço para ser apresentado como exótico para as massas, o boi não consegue realizar o seu ritual por completo, devido à escassez do tempo, pois, em virtude de vários outros grupos folclóricos estarem se apresentando numa única noite, não há tempo suficiente para que ele seja visto na sua totalidade.

Outra questão que podemos observar é como os discursos dos jornais veem essa manifestação, ou melhor, como apresentam ou valorizam essa cultura, a divulgação dessa manifestação como um produto cultural. Nesse caso, analisamos uma intenção dos jornais em estar construindo um discurso que promove o bumba boi, divulgando acontecimentos em torno das programações alusivas a ele. Assim discorre a seguinte matéria:

Depois de quase um mês do encerramento oficial dos festejos juninos promovido pela Empresa Maranhense de Turismo em nossa cidade, morre neste final de semana **um dos mais tradicionais representantes do bumba meu boi do Maranhão**, o Boi da Madre Deus: **“Tradição do Brasil”**. Os convites para participação na festividade já estão sendo distribuídos pela diretoria e demais componentes da brincadeira. A morte do Boi da Madre Deus é uma das **mais concorridas** da cidade e, todos os anos, consegue levar para aquele bairro um **sem-número de pessoas de nossa comunidade, turistas e interessados pelas manifestações folclóricas e culturais de nossa terra**. Este ano o Boi da Madre Deus tem como **madrinha a primeira dama do Estado, Gardênia Ribeiro Gonçalves, e seu filho, João Castelo Júnior**, como padrinho. Tanto dona Gardênia como seu filho **deverão abrilhantar a brincadeira**, que terá início nas primeiras horas do dia 26, quando o boi sairá pela última vez às ruas da cidade, cumprindo compromissos de apresentação diversas²⁸.

²⁶PASSOS, Iran de Jesus Rodrigues dos. *A transição da cultura popular para a cultura de massa no Maranhão: aspectos do Bumba meu boi Pirlampo*. 2. ed. São Luís: Quatro Passos, 2003. p. 80.

²⁷No sentido proposto por HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006, de um mundo globalizado, a cultura como produto conectado, atravessando fronteiras nacionais inserida em novas combinações de espaço-tempo.

²⁸A MORTE do boi da Madre Deus será domingo. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.4, 25 jul. 1980, grifo do autor.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Os convites foram ampliados, e matérias semelhantes são frequentes nos jornais da década de 1980, divulgando não apenas apresentações de bumba boi em lugares públicos, como as festas juninas no Parque da Vila Palmeira, mas os anúncios estão em torno de diversos acontecimentos relacionados à brincadeira. Ao divulgar a morte do Boi da Madre Deus, a matéria busca chamar um público a esse local. O boi é apresentado como o representante do folclore do Maranhão e, mais do que isso, uma “tradição do Brasil”, ou seja, é uma cultura que está dentro do Maranhão, mas que também é presente em todo o Brasil, dando autenticidade ao bumba meu boi e o título de a mais popular, dentre todas as manifestações culturais em todo o país.

Há grande preocupação na divulgação de ensaios, como na matéria *Bumba meu boi ensaia em ritmo de futebol*, a seguir:

No clima de Copa do Mundo, os ensaios dos bumba bois nas noites de sábado estão sendo bastante movimentados. Milhares de pessoas estão prestigiando o evento, e a maior concentração de público se verifica nos bois da Madre Deus, da Maioba e do Maracanã. As toadas sobre a participação da seleção brasileira na Copa constituem os temas preferidos dos “puxadores” de boi, ao som do ritmo marcante e cadenciado das matracas, pandeiros e maracás. Três jogadores – Zico, Sócrates e Júnior – se destacam nas letras das toadas, assim como a conquista do tetracampeonato pela seleção canarinha.²⁹

A matéria é enfática ao divulgar os ensaios de bumba meu boi que estão ocorrendo em toda a cidade, ressaltando a presença de grande público nos ensaios, chamando a atenção para os ritmos das toadas que enfatizam a participação do Brasil na Copa do Mundo. Outra vez, o discurso pretende demonstrar o vínculo da manifestação maranhense a acontecimentos que estão ocorrendo no país, como a presença da seleção brasileira no maior evento esportivo do mundo. Além disso, verificamos a citação de alguns instrumentos utilizados nos diversos sotaques de bumba boi, como as matracas, dentre outros, dando preferência à citação de grupos que talvez fossem os mais conhecidos da cidade ou do folclore maranhense.

Na seguinte matéria, observamos como os jornais têm interesse em detalhar aspectos importantes do bumba meu boi. *Na festa de S. João, a vez do boi*:

Os festejos juninos atingem hoje, Dia de São João, o seu ponto culminante e, com eles, os folguedos do bumba meu boi – a maior expressão do Maranhão. O bumba meu boi, uma manifestação que utiliza a música e a dança, envolve também uma arte que, em grande parte, é responsável pelo colorido e simbologia da festa: a costura e o bordado, utilizado na feitura do couro do boi e na indumentária dos

²⁹ BUMBA meu boi ensaia em ritmo de futebol. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 2, 2 jun. 1986.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

brincantes. O Centro de Cultura Popular Domingos Viera Filho, dirigido pelo poeta Valdelino Cécio, realizou importante pesquisa sobre o trabalho de produção do couro do boi.³⁰

É recorrente os jornais apresentarem o bumba boi como a cultura mais *expressiva*, a que melhor representa o Maranhão. Os discursos tendem a oferecer um folclore com o melhor potencial possível, elevando-o como maior atração, dentre os demais grupos folclóricos das festas juninas de São Luís. Ressaltam também muitas das características moldadas na construção dessa cultura popular, designando-a como uma arte que possui dança e elementos simbólicos, apontando para as indumentárias e o couro do boi. Nesse aspecto, a matéria segue com uma discussão em torno da confecção do couro do boi. Ou seja, as matérias estão atentas à divulgação de elementos dessa manifestação, cuja finalidade é chamar a atenção do leitor e oferecer um produto cultural.

Sinais de apropriações

O discurso do jornal O Estado chega a exaltar o bumba meu boi, discorrendo sobre o boi, o animal, intitulado a manifestação como a mais autêntica da cultura popular brasileira, por estar presente em quase todo o território do país, mesmo com algumas *influências regionais* e denominações distintas em outros estados. Porém, seria mais expressiva no Maranhão, já que seu berço e raízes estão no Nordeste. Algo interessante a ser observado nessa matéria é que a transição pela qual o bumba meu boi passou, ou seja, o processo que levou a sua valorização é designado na matéria como genuinamente *natural*, nesse sentido, deixando às escuras a discriminação e a perseguição que a manifestação sofreu durante o século XIX, quando era publicado nos jornais como uma produção de bárbaros e visto pela elite como incivilizado. De fato, o jornal quer transmitir ao leitor uma visão, segundo a qual o bumba meu boi sempre foi olhado com bons olhos, desde o seu início. Ocultando o conflito com a sociedade dominante e entre os próprios grupos, a manifestação, desde sempre, como símbolo da cultura maranhense e brasileira.

Na matéria intitulada *Boi Barrica: na terra como no céu*, conseguimos detectar melhor a qual sentido está ligada a divulgação desse folclore nos discursos dos jornais a seguir:

³⁰ NA FESTA de São João, a vez do boi. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 1, 24 jun. 1986.

Faz um ano que a Ilha tem um encanto a mais: Boi Barrica. Cheio de mistérios, mil e umas faces e **belezas que só ele tem. E como junho tá bem aí, é ver para crer.** O Barrica é tanto, que já nas primeiras apresentações, no ano passado, rapidamente correu de boca em boca os seus encantos. Tanto é que nesse pouco tempo de existência, **seu nome já soa como uma tradição.** E o é, pela aura Madredivina e pelo carisma criativo de Zé Pereira Godão, idealizador do Boi. O campo de envolvimento do Barrica é tão extenso que se perde de vista. Seja pelo cenário celestial, viagens com e pelas estrelas e o palco natural das ruas, onde tudo tem gosto de espontaneidade; seja pela magia de tocar **vários ritmos maranhenses.** São de Godão essas palavras: “eu comecei a sacar, analisar, a olhar pro céu, depois disso, descobri, eu fiquei louco mesmo.”³¹

O Boi Barrica, designado como Companhia de Dança, é estruturado como empresa que capta recursos e vende seus espetáculos. No discurso, ele já é apresentado como uma tradição, mesmo com toda a discursão de que não se trata de um boi autêntico, possuindo encantos e belezas, convocando o público para confirmar a propaganda, a comparecer e se encaminhar aos festejos juninos da cidade. Ora, o Boi Barrica seria o boi mais “completo”. Vemos aqui uma alternativa para a construção da *tradição*, enquanto discurso, símbolo que insere uma identidade, pois esse boi é uma *alternativa* para a construção de uma concepção de identidade que contém pluralidade, mas unificada, pelo fato de conseguir manter todas as outras, englobando todos os sotaques e ritmos de bumba meu boi, sendo, por isso, o mais autêntico.

Agora, o autêntico é o que representa o indivíduo, inserido no consumo e no mundo. O Boi Barrica não possui sotaque próprio, mas toca todos, e pelo fato de não vir de uma promessa a santo recebe inúmeras críticas, vindas de intelectuais e estudiosos da cultura popular. Ele atende as novas características da sociedade atual, que comunga de todas as religiões e tem várias identidades. Além disso, também adapta o gerenciamento financeiro da manifestação às demandas empresariais.

Estes críticos percebem a Companhia Barrica como uma empresa, que consegue o retorno financeiro, que os setores populares nunca conseguiram com suas manifestações, promovendo novas desigualdades a partir do uso da estética popular como espetáculo. Da mesma forma, as manifestações populares continuariam sendo preferidas como representante de identidade maranhense, quando a Companhia Barrica é convidada oficialmente para representar uma cultura do Maranhão fora do Estado.³²

³¹BOI Barrica: na terra como no céu. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.3, 25 maio 1986. Jornal Mirante, grifo do autor.

³² ALBERNAZ, op. cit., p 154.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

Mas, por outro lado, esse mesmo boi sairá pelo Brasil e para fora dele, para representar o bumba meu boi do Maranhão, assim segue:

Foi transferida para sexta-feira a abertura, ao público, da Feira dos Estados promovida anualmente em Brasília. O Boi Barrica, que abrilhantará o Barracão do Maranhão, viaja amanhã para a capital federal, no avião da Força Aérea, especialmente destacado para tal fim.³³

Observamos algumas questões interessantes a serem discutidas nesta pequena matéria. A companhia de dança, que leva o nome de Boi Barrica e é um grupo designado de parafolclórico, é, na verdade, quem está representando a manifestação popular, a identidade, em um evento promovido para todos os Estados do Brasil. Assim, o Boi Barrica representa os demais bois, pois ressignifica a identidade maranhense e faz com que o bumba boi se categorize não apenas como *tradição*, nos moldes da Atenas, da Fundação Francesa, mas também como produto a ser vendido, oferecido, divulgado e, por fim, consumido.

Nesse caso, o Boi Barrica corresponde à perspectiva, visto que toda a organização, produção das indumentárias, escolha dos participantes, dentre outros aspectos, são feitos e pensados nos mínimos detalhes. A intenção é mostrar que o produto é bom, pelo fato de se tratar de um produto para atender o mercado, visando a obter lucros com o espetáculo, ao mesmo tempo em que democratiza, pois todos participam. Segundo Passos:

Assim, no caso do bumba meu boi, essa manifestação, originariamente campesina, migrou do campo para a cidade; misturou tradição e inovação, as letras de suas toadas tornaram-se mais poéticas, indo ao encontro do gosto das massas.³⁴

Os jornais nos levam a crer que essas transformações ocorridas no interior da estrutura dos grupos de bumba meu boi tratam, na realidade, de uma transição, de uma cultura enquanto afirmação de identidade, um meio de resistência ou um ritual para ser vivido, sentido pelos seus membros, em uma cultura para ser vendida, comercializada e consumida, transformando-se, dessa forma, numa cultura de massa. Nesse mesmo sentido, verificamos a matéria *As toadas de um boi menino*, a seguir:

O centenário da abolição deu toada de boi. E é em torno desse tema que surge o quarto LP do Bumba meu boi de Morros. A homenagem começa na capa, trazendo uma ilustração do maranhense Jovelino, que põe em traços e cores firmes a ideia de

³³ BOI Barrica. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.13, 25 jun.1986.

³⁴PASSOS, Iran de Jesus Rodrigues dos. *A transição da cultura popular para a cultura de massa no Maranhão: aspectos do Bumba meu boi Pirilampo*. 2. ed. São Luís: Quatro Passos, 2003.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

liberdade no simbolismo da corrente quebrada. Encabeçando o disco a toada “liberdade”, de autoria de José Carlos M. Lobato, principal articulador do boi, poeta das toadas já conhecidas pelas denúncias e conotações políticas. [...] Desde o início o sotaque do Boi de Morros direcionou para o chamado Boi de Orquestra, seguindo uma influência da região de Munin, mais especificamente da Vila de São Simão, município de Rosário. Em São Luís o Bumba meu boi de Morros estará a partir do dia 25, devendo apresentar-se até o dia 04 de julho. Sua pré-estreia aconteceu ontem, durante a festa de lançamento do disco, no Grêmio Littero Recreativo Português. O clima foi de São João.³⁵

Como já foi denotado na matéria, o Boi de Morros possui o sotaque de orquestra, é o chamado *boi moderno*. Esse ritmo é o que mais vem apresentando mudanças na sua estrutura interna, com adoção de diversos elementos novos; possui instrumentos bem diversificados, diferentes dos demais bois tradicionais, por exemplo, de metais, sopro e de corda. Esse sotaque de bumba boi, a partir das análises dos jornais, na década de 1980, está bastante presente nas programações dos festejos juninos. Verificamos que a matéria quer divulgar um lançamento de um LP desse boi, demonstrando suas origens e lugares onde se apresentará, ou seja, nesse momento percebemos certa consolidação do sotaque e uma conquista, uma simpatia, um espaço junto à população.

No entanto, justamente por se tratar de um boi visto como moderno, por ter constituição recente, sem tradição, no sentido de autêntico, há inúmeras críticas ao sotaque de orquestra. Muitos o acusam de estar fazendo a *parintinização* do boi maranhense, isto é, o acusam por estar se aproximando das características do Boi de Paratins do Amazonas, devido ao exagero de plumas e brilho nas suas indumentárias.

O medo dos críticos é da descaracterização do bumba meu boi do Maranhão: as críticas também acusam o boi de estar se assemelhando às Escolas de Samba do Rio de Janeiro, visto que existe uma grande semelhança no que concerne aos adereços usados pelas índias desse boi, aos das passistas que desfilam ao se apresentarem.

Os quesitos observados colocam uma homogeneidade com relação a cabelos, altura, pernas, cintura, ou seja, as índias escolhidas devem ser as mais bonitas e belas, com a melhor forma; elas precisam chamar atenção do público que cada vez mais quer assistir a um espetáculo excepcional. Assim, vale ressaltarmos que:

Em 2001, na véspera de São Pedro a Governadora do Estado – Roseana Sarney – subiu ao palco no Largo da Saudade e cantou Bela Mocidade, durante o Show da cantora Alcione. São acontecimentos que reforçam esta música como um dos

³⁵ AS TOADAS de um boi menino. *O Estado do Maranhão*. São Luís, p.13, 4 jun. 1988.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

símbolos do boi e coloca o sotaque de orquestra nas disputas pela representatividade da tradição, especialmente pelo romantismo atribuído às suas toadas.³⁶

“Bela Mocidade” é uma toada de composição de Donato Alves e pertence ao grupo de bumba meu boi de Axixá, do sotaque de orquestra. O que interessa-nos ressaltar é como esse sotaque *moderno* vem tomando espaço, e que por vezes essa toada chega a ser reconhecida como a que melhor simboliza o São João do Maranhão, juntamente com a toada *Urrou do Boi* ou mesmo a toada de Humberto, do Boi do Maracanã, designada *Maranhão meu tesouro meu torrão*³⁷.

O jornal O Estado do Maranhão, da década de 1980, divulgou, principalmente, o local dos ensaios, batismos e mortes dos grupos de bumba meu, as gravações de muitos LPs e CDs que os grupos estavam realizando, a fim de divulgar seus trabalhos, e muitas outras informações sobre o que acontecia naquele momento com essa manifestação popular e seus brincantes. Diante disso, parece que na década de 1980 estava havendo nos bastidores dos grupos de bumba meu boi uma verdadeira maratona, com o intuito de saber quem agrada mais, já que as mudanças nos grupos de bumba meu boi são de grande expressão.

No primeiro momento, as fontes nos levam a entender que o objetivo maior é promover o bumba meu boi como a melhor cultura do Maranhão. Ao lado disso, os próprios produtores da cultura se *apropriam* da construção do bumba meu boi como identidade cultural maranhense.

Desse modo, os jornais demonstram que está havendo a transição de uma cultura enquanto resistência ao modelo dominante da sociedade ludovicense do século XIX, para uma cultura de massa, voltada para o mercado, transformando bumba boi numa empresa comercial com fins lucrativos, numa cultura pós-moderna, em que muitos de seus sentidos estão alterados e fragmentários.

Após as análises dos jornais do final das décadas de 1980 a 2000, temos verificado uma tendência a não mais evidenciar o boi, a preocupação com a tradição, mas uma aceitação da “inovação” que não “descaracteriza”, ou seja, uma visão de que as mudanças são inevitáveis. Para os organizadores do Boi de Morros, é uma tendência dos bois: “Apesar de jovem, o boi de Morros já trouxe inovações à brincadeira, como por

³⁶ ALBERNAZ, op. cit., p 102.

³⁷ Ibid.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

exemplo, a introdução no início das toadas com instrumentos de sopra: ‘a gente começou a fazer isso e depois, outros bois começaram a fazer também’³⁸.

Dissipa-se a preocupação com a singularidade do Boi. Ele já é o diferente, as inovações, tudo indica, não assustam mais como antes, nem o excluem da conquista de único do Brasil. Percebemos que a construção agora é de uma festa singular. E o que caracteriza a festa singular? Vejamos um fragmento do jornal O Estado:

Ninguém que tenha a correta compreensão do problema vai desejar que o boi se imobilize, fato social que é por excelência, expressão lúdica de um povo e, por causa disso mesmo, sujeito a transformações. É claro que o boi nunca teve um presente igual a seu passado. Vai daí que é tolice pensar que algum neto viu o mesmo boi da infância de seus avós. Muda-se os costumes, passa-se a utilizar novos materiais [...] as transformações são legítimas se nascem dos grupos.³⁹

Aqui o boi é visto como igual a toda manifestação e passa por modificações, pois o tempo é dinâmico. Por outro lado, não deve aceitar as influências externas, pois, nessa concepção, a singularidade está no grupo, e este é senhor e dono do processo, que simboliza o povo, a quem a sociedade delega o poder de guardião da manifestação, cabendo a ele renovar sem perder sua “essência”. E o que seria a essência da manifestação?

Nos jornais do final da década de 80 e 90, torna-se frequente a descrição de outras manifestações populares. Vejamos:

Agosto foi o mês do Tambor de Crioula tomar conta da Rua Giz [...] a jornada ou a dança d São Gonçalo fez a festa de setembro no CCP [...] o encerramento do projeto deu-se com a apresentação do Pastoril das filhas de Belém e os folgedos natalinos [...] O Cacuriá é dançado por homens e mulheres que formam pares, e em círculos ou cordão, exibem coreografias variadas [...].⁴⁰

Vemos a construção da diversidade nas indumentárias, sotaques, tambores, dança do vaqueiro, portuguesas, ou seja, a festa diversifica-se, constituindo uma singularidade. Trata-se de uma inserção pela atualização ou ressignificação dos mitos da singularidade e da riqueza. A festa é singular e rica. Portanto, a singularidade é o essencial. Seria a liquidez da pós-modernidade a ação da memória que recria o passado?

“O disco Baiante (90), do boi Barrica, nesse período junino, faz com que a música maranhense invada os limites do imperialismo, sem a concessão de uma embalagem

³⁸ BOI de Morros lança novo disco. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 15, 25, jun.1992. Caderno Alternativo.

³⁹ DO TERREIRO ao picadeiro. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.13, 29 jun. 1988.

⁴⁰ UM ANO de cultura viva. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.13, 27 de maio. 1988.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

importada”.⁴¹ Esse é outro aspecto interessante desse (re)significar; é o argumento de que as músicas de boi são de qualidade e conseguem se inserir no mundo imperialista, ou seja, a música concorre com as demais no mercado maranhense de igual para igual.

A pesquisadora Zelinda Lima, mesmo admitindo que as “mudanças do folguedo e cultos” estão perdendo “um pouco do brilho e da originalidade”, vê as alterações, que entendemos segundo o pensamento de Chartier, “o popular com a capacidade de *apropriação* e reelaboração dos discursos dominantes, cujas marcas são expressas em suas práticas e representações”⁴², como a aglutinação do tradicional e do moderno.

Para ela, a perda do “brilho” está nas transformações que ocorrem nas características tidas como tradicionais:

Os temas de antes a - vida simples do homem do povo – dão lugar às polêmicas do dia a dia. Um exemplo típico são as quadrilhas... O folclore é dinâmico vivo. Ele tem que acompanhar a evolução [...]. Porém, existem aquelas pessoas que descaracterizam propositalmente [...]. As roupas dos brincantes das manifestações são as que mais sofrem [...] roupas de índias de bumba meu boi podem parecer uma fantasia de carnaval [...]. O tempo limitado de apresentação das danças, folguedos e cultos faz com que ritos fossem desaparecendo.⁴³

Na década de 1990, vemos uma mudança por parte de pesquisadores como Zelina Lima, que se dão conta de que o fazer cultural dialoga com o tempo atual. Agora, a preocupação é: a festa não pode se igualar às demais, porque precisa ser única, diferente, mesmo quando adapta os instrumentos e os enfeites. As manifestações, em particular o bumba meu boi, passaram a lidar com adaptações que mantenham vestígios do tradicional e apresentem inovações que respondam ao quesito qualidade. E qualidade aqui pode ser entendida como harmonia musical, ao executar os sotaques e canções que encontrem mercado comercial.

É a visão de Américo Azevedo Neto que deixa mais patente a ideia de que as manifestações populares são expressão de uma sociedade democrática, não porque representam as três raças, como o bumba meu boi era visto pelos intelectuais que construíram a ideia de miscigenação, mas porque a festa é frequentada por todos, pelo fato de ela ser inclusiva.

⁴¹ O BIZZ de Papete e Boi Barrica. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p.13, 27 de junho 1990.

⁴² CHARTIER, *A História...* op. cit., p. 33.

⁴³ FOLGUEDOS perdem características originais. *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 19, 20 jun.1995. Caderno Alternativo.

Outros Tempos, vol. 12, n. 20, 2015 p. 122-142. ISSN: 1808-8031

De nada adiantam as noites grã-finas, vestidos tão longos, tão negros smookings. De nada adiantam, se tão logo é possível te atiras aos bailes de bombo e pandeiro, sandálias; carrapichos das saias tiradas entre gritos, sorrisos e sustos. O pedreiro e o padre, o fazendeiro e o fiscal (também fazendeiro), o farmacêutico e o dono do bar; o moço da loja, o rapaz estudante, o vereador e o músico lá vão – todos eles para a festa do largo do santo padroeiro. E toda festa consiste, na mesa ficar tomando cerveja, conversando com amigos, uma torta ou farofa, cocada ou mingau. Simplória alegria, infantil diversão.⁴⁴

Se no século XX, a percepção de Mario de Andrade do bumba meu boi como a *dança mãe*⁴⁵ que expressava a nacionalidade brasileira contribuiu com a possibilidade de inseri-la nos circuitos intelectuais, por trazer a representação do branco, por meio de uma noção de miscigenação, hoje a ideia é de representação plural de todas as etnias.

Considerações finais

O bumba meu boi *tradição*, (re)significado e salvaguardado no phanteon das identidades, acende a imortalidade, e assim como a Atenas e a Fundação Francesa compõem a pluralidade das identidades, inserindo São Luís na pós-modernidade plural.

Ao mesmo tempo se fortalece como uma cultura preservada, que se renova, não precisa ser tombada sob o argumento de que vai desaparecer como o Tambor de Crioula, em 2007, já é patrimonializada, pois representa todas as classes, mas também é um produto que se adequa ao mercado de consumo da indústria cultural e tem a aceitação da sociedade, consegue competir, gera renda nos mais diversos seguimentos sociais do Estado: a rede hoteleira, fabricantes de indumentárias, produtores musicais e compositores, enfim, como disse Américo Azevedo Neto, é democrático, no sentido de envolver, atender, agradar. Também mantém viva outra construção, outro, imaginário: a inserção.

⁴⁴ OS NOVÍSSIMOS batalhões. *O Imparcial*. São Luís, p. 6, 24 jun. 1997. Caderno Guarnicê.

⁴⁵ CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Um povo feliz, uma natureza intocada, um patrimônio preservado: eis o segredo que o Estado do Maranhão quer revelar. In. CARVALHO, Claunísio A. (Org.) *Pergaminhos maranhenses: estudos históricos*. São Luís: Café e Lápis, 2010.